

Infância do brincar e brinquedo como produção de subjetividade: olhares em Walter Benjamin

OLIVEIRA, Girléia Barbosa¹

VIEIRA, Luara dos Santos

COSTA, Sunamita de Oliveir

PAIVA, Jair Miranda de²

Resumo: Este trabalho tem por objetivo investigar o brincar e os brinquedos na infância, tomando como referência algumas inspirações em Benjamin em relação ao tema, relacionando as diferentes formas de brincar, a produção de subjetividade no brincar e os diferentes conceitos do brincar, presentes nas culturas infantis. Buscamos identificar como os jogos e os brinquedos formam nas crianças o modo de ver o mundo, de relacionar com ele. Identificamos como os jogos e brinquedos contribuem para a formação da subjetividade da criança e assumem um importante papel de produzir sentidos e significados, atuam no desenvolvimento psicológico e cultural que são evidentes na infância. Como metodologia fizemos uso da pesquisa bibliográfica, tomando referenciais de Benjamin e Vygotsky, entre outros. Cada criança brinca à sua maneira, com base na sua cultura, suas particularidades, pois o brincar é um elemento que não admite fronteiras. Como resultados, destacamos os reflexos positivos que o brincar têm na relação de construção de subjetividades.

Palavras-chave: Infância. Brincar. Brinquedo. Subjetividade.

Introdução

A pesquisa em questão tem como objetivo compreender o brincar na infância através da perspectiva do autor Walter Benjamin, bem como as diferentes formas de brincar na infância e as variedades de subjetividade relacionadas ao conceito de brincar na infância. O brincar é se divertir, ter uma distração, um entretenimento entre pessoas ou através de jogos, é algo que está e sempre esteve presente na vida das pessoas. Para além de compreender a forma como o autor entende o brincar na infância, a pesquisa foi desenvolvida para entender como o brincar contribui no desenvolvimento da subjetividade da criança, sendo algo único de cada pessoa, entender como é formada por meio de crenças e valores de cada indivíduo através do seu contexto social.

¹ Graduandas do curso de Pedagogia, Centro Universitário Norte do Espírito Santo, Ufes, São Mateus. Email: girleiaoliveira@hotmail.com; luara.dsv@hotmail.com; sunamita.ocosta@gmail.com

² Doutor em Educação, docente do curso de Pedagogia, Centro Universitário Norte do Espírito Santo, Ufes, São Mateus. Email: jair.paiva@ufes.br

Neste sentido estudar se a capacidade no brinquedo de promover a construção da relação criança-brinquedo-sociedade. Por conseguinte, as questões que nortearão este trabalho são: Qual o papel do brinquedo na visão de Walter Benjamin? Que diálogo há na relação sociedade-brinquedo-infância? De que forma o papel do brinquedo quando praticado na educação infantil, pode promover a liberdade de pensamento e expressão para a criança? Para atingir tais objetivos, analisamos o fator subjetividade que segundo a compreensão de proposta por Leontiev (1978/1983, p. 44), como "Uma propriedade do sujeito ativo". Um fator que torna o sujeito único, singular. Uma subjetividade constituída com base na realidade material, na relação entre os homens.

A pesquisa é bibliográfica que, segundo Gil (2002, p. 44), "[...] é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos". Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato com o que já se produziu e se registrou a respeito do tema de pesquisa.

Analisar o brinquedo como objeto em sua materialidade implica analisar de forma crítica a sociedade, já que não há separação da função e significado do brinquedo com o sujeito histórico, pois é um atributo do brinquedo mediar sujeito e sociedade, segundo visões de Walter Benjamin (1984, 1985, 2004), seja na função de objetos do brincar, seja em seus significados para as crianças.

Entendemos que o termo "lúdico" envolve os termos "jogo" e "brincar". Encontramos na literatura diferentes concepções sobre esses termos. No entanto, podemos dizer que há uma concordância presente em diferentes autores de diversas áreas do conhecimento, em relação ao jogo como sendo um fenômeno cultural muito antigo, que ocorre tanto na criança como no adulto, de formas diferentes e com funções diferenciadas. O jogo pode ser visto como uma forma básica da comunicação infantil a partir da qual as crianças inventam o mundo e elaboram os impactos exercidos pelos outros.

Organizamos nosso texto três seções: na primeira, recuperamos os sentidos de jogo, brincar em sua relação com a cultura e a sociedade tecendo algumas considerações, sobretudo, a partir de W. Benjamin; na segunda seção, destacamos os elementos de construção de subjetividade presentes nas brincadeiras, bem como sua importância na identidade infantil.

1- Jogo, brincar e brincadeira: contribuições de Benjamin

Através da brincadeira, a criança tem a possibilidade de experimentar novas formas de ação, exercitá-las, ser criativa, imaginar situações e reproduzir momentos e interações importantes de sua vida, ressignificando-os. Os jogos e as brincadeiras são uma forma de lazer no qual estão presentes as vivências de prazer e desprazer. Representam uma fonte de conhecimento sobre o mundo e sobre si mesmo, contribuindo para o desenvolvimento de recursos cognitivos e afetivos que favorecem o raciocínio, tomada de decisões, solução de problemas e o desenvolvimento do potencial criativo. A brincadeira assume um papel essencial porque se constitui como produto e produtora de sentidos e significados na formação da subjetividade da criança. Essa atividade proporciona um momento de descontração e de informalidade que a escola pode utilizar mesmo que isso possa parecer um paradoxo já que o seu papel, por excelência, é o de oferecer o ensino formal, mas tendo também de exercer um papel fundamental na formação do sujeito e da sua personalidade. Portanto, passa a ser sua função inclusive a de oferecer atividades como a brincadeira.

Para Walter Benjamin (1984), o jogo também é visto como uma atividade muito antiga. O brincar significa sempre libertação. Ao brincar as crianças criam para si o pequeno mundo próprio. Frente a uma realidade ameaçadora, sem perspectivas de solução, liberta-se dos horrores do mundo através do jogo. O jogo, a brincadeira, por mais bem elaborados que possam ser não trazem por si só o lúdico, mas são as próprias crianças, durante a brincadeira, que transformam o momento em um momento lúdico, de fantasia e realidades criadas por elas. Acredita-se erroneamente que o conteúdo imaginário do brinquedo determina a brincadeira da criança, quando, na verdade, acontece o contrário.

O pioneirismo de Benjamin, encontrado em seus escritos sobre a memória do brincar e as relações existentes entre infância, cultura e história na sociedade contemporânea, nos possibilita compreender e reforçar os múltiplos sentidos implicados na cultura lúdica vinculada tanto ao processo de formação quanto à prática docente do e no contexto educativo atual.

Benjamin revisita a própria infância por meio de lembranças de sua memória que resultam nas concepções de infância e cultura lúdica representadas em experiências vividas em espaços, formas de brincar e tipos de brinquedos constituídos

por sua história de vida, formação e paradigma de pensamento.

A brincadeira de faz de conta é um dentre os vários sistemas de relações da criança que contribui para constantes reconfigurações de sua subjetividade, particularmente, no que se refere à possibilidade de pensar e de agir diante de sua realidade. Ao lidar com parceiros e com vários “eus” ou “eus” fictícios, a criança amplia as concepções sobre si e sobre os outros, experimenta os lugares de “outros” de seu grupo cultural, enriquecendo a sua identidade e desenvolvendo a alteridade. O brincar é cultural do ser humano, onde a criança tem a possibilidade de descobrir o mundo que o rodeia, por meio das brincadeiras e promove a socialização e a maneira que os conceitos são constituídos. Benjamin diz que através das brincadeiras, a criança apresenta traços significativos que refletem sua essência, seu jeito de ver e viver no mundo, dessa maneira, o brincar é a ligação que se estabelece entre o passado e o presente dentre as diversas realidades. A natureza do brincar não está ligada em brincar apenas, mas um brincar de maneira nova e diferente, transformando as experiências individuais e sociais.

Nessa perspectiva, a escola apresenta-se como uma das instituições mais significativas que contribuem para a formação e controle da subjetividade, já que preenche um tempo considerável na vida da criança. Continuamos a entender a criança a partir de uma visão “adultocêntrica” e de inevitável preocupação com o futuro. Preocupação essa que inclui todo um cuidado e uma superproteção para com o mundo de movimentos da criança, bem como sobre o seu brincar. Quando ele aparece, muitas vezes, continua sendo tratado a partir da ótica do adulto, através de um brincar estritamente dirigido, ou seja, o “brincar didático”. Nós adultos (especialmente os professores) temos um papel fundamental frente a essa discussão, pois precisamos, cada vez mais, justificar a importância do brincar. E esse desafio não é nada simples. Afinal, porque a criança precisa brincar? É sobre essa questão que devemos nos debruçar para que o brincar livre e espontâneo da criança seja valorizado e mantenha-se presente na sua vida nos mais diversos espaços, inclusive na escola. E isso nos obriga, também, a repensar o significado de “ser” criança e o que significa ser adulto em tempos atuais.

Sendo assim, compreender a criança e possibilitar espaços para que ela brinque é assumir o papel que temos como adultos (pais e professores). Essa deveria ser uma de nossas principais responsabilidades quando pensamos em nos

“intrometer” no brincar da criança. Não se trata de estabelecer formas e brincadeiras pré-moldadas, nem de dirigir todos os acontecimentos, mas de possibilitar à criança conhecer pelo seu brincar.

As produções de Vigotsky, Leontiev e Luria estudam a consciência, considerando os processos que a constituem e fazem com que seja constituída, como a subjetividade, a individualidade, a personalidade e a identidade. Sendo assim aprofundaremos com ênfase na infância como a subjetividade constitui-se nesse pequeno sujeito que esta em formação de identidade.

2- O brincar na constituição da subjetividade

O brincar é um indício significativo de cultura, seu estudo permite evidenciar os traços culturais da sociedade, caracterizado pelo ato espontâneo do ser humano, que possibilita a descoberta do mundo, através de brincadeiras; assim, as crianças, mediante o brinquedo e o brincar se liberta e proporciona a reinvenção do mundo.

Ao brincar a criança desprende-se e reedita os comportamentos sociais formando seu próprio mundo, acentuado e reiterado. Para Benjamin, faz-se necessário observar mais os atos infantis, “olhar” a dimensão do querer–dizer da criança através da brincadeira. Desse pressuposto, conclui-se que a interpretação das atividades lúdicas corresponde à compreensão da criança. “Não há dúvida que o brincar significa sempre libertação. Rodeadas por um mundo de gigantes, as crianças criam para si, brincando, o pequeno mundo próprio.” (BENJAMIN, 2002, p.85).

No olhar de Walter Benjamin, as crianças gostam de brincar e tendem a se atrair por objetos quebrados que encontram no dia-a-dia, nos quais tenham contato.

A essência do brincar não é um ‘fazer como se’, mas um ‘fazer sempre de novo’, transformação da experiência mais comovente em hábito [...] O hábito entra na vida como brincadeira, e nele, mesmo em suas formas mais enrijecidas, sobrevive até o final um restinho da brincadeira. (BENJAMIN, 2002, p.102)

O gosto das crianças pelas brincadeiras é despertado pela capacidade e habilidade de trabalhar a fantasia, de poder ser o que quiserem através da imaginação. Através dos jogos e brincadeiras, a criança desenvolve o respeito pelas regras do jogo e pelo outro, mesmo que só exista em sua imaginação.

Consideramos a infância e os fenômenos relativos à sua educação como fenômenos culturais, entendidos como práticas culturais de significação e de atribuição de sentidos que ao estabelecer códigos passam a ser compartilhados, permitindo a comunicação entre a comunidade para a qual tais práticas tem sentido. Os discursos e mediações narrativas que configuram seu âmbito comunicativo são determinantes da subjetividade infantil e a criança no processo de sua socialização vai sendo moldado e conduzido por normas e regras que vão constituindo um determinado modo de ser criança, submetido aos ordenamentos da escola e do grupo social ao qual pertence, mas não sem resistência. Partiu-se do pressuposto de que as crianças são atores sociais e que devem por isso ser inseridas no processo de produção sobre si mesmas.

Benjamin (1996) também nos faz lembrar que no início da humanidade o ser humano vive em comunidade compartilhando e produzindo a própria existência, avança em descobertas e aperfeiçoa a natureza, aprimorando a si mesmo. Imerso em sua cultura, no bojo desse movimento o homem faz uso de meios que possam representar material e concretamente as coisas do mundo. Rabiscando os primeiros traços da escrita o homem registra seus feitos, sua vida vivida e sentida.

As representações que as crianças fazem de si mesmas em função da autoimagem que constroem de sua infância, com base nas vivências e experiências cotidianas, vão tecendo uma identidade, que se estabelece nas e pelas relações de resistência ao poder dominante do adulto e à sua forma de condução no mundo.

O filósofo Walter Benjamin (1989), explica que desde a Antiguidade os brinquedos fazem parte da história da humanidade. Houve uma época em que os brinquedos eram produzidos no âmbito doméstico, pelas próprias famílias e também em oficinas de artesões como marceneiro, caldeireiro, fabricantes de vela, entre outros. Assim, os brinquedos de fabricação doméstica foram sendo transmitidos de geração em geração, recebendo, muitas vezes, modificações de acordo com a época, cultura, região e ainda dando origem a novos brinquedos.

Atualmente, a quantidade de brinquedos é enorme e sua qualidade varia tanto no brinquedo artesanal quanto no brinquedo industrializado. Contudo, a História, não é única e linear, existem povos que viveram processos distintos de desenvolvimento e que atribuem diferentes noções de família, adulto ou criança. Tal fato leva a perceber

que os significados e valores dados aos brinquedos e brincadeiras vão variar de acordo com o tempo e com o contexto.

A sociedade de consumo determina grandes transformações na perspectiva também do brincar. No decorrer do tempo percebemos que as crianças foram sendo retiradas do convívio com os adultos nas cidades. A rua ainda é palco de lazer, á noite a praça se ilumina e é um auditório social de conversas e de lazer, lugar de encontros e de pertencimentos.

Podemos concluir que a brincadeira exerce um papel fundamental na constituição do sujeito ao possibilitar à criança a criação da sua personalidade seja pela busca de satisfazer seus desejos, por exercitar sua capacidade imaginativa, comunicativa, criativa ou emocional.

3- Infância e a construção da subjetividade

A criança em seu desenvolvimento subjetivo e nas diversas relações com o outro e constitui-se de linguagem, meio que organiza sua formação mental, para posteriormente vir a ser um sujeito atuante biopsicossocial. Para Vygotsky (1998), o uso da linguagem se constitui na condição mais importante do desenvolvimento das estruturas psicológicas superiores da criança, devendo ser vista como um sujeito não apenas biológico, mas, sobretudo histórico, social e cultural. Sendo que as características biológicas preparam a criança para agir sobre o social e modificá-lo, mas esta ação termina por influenciar na construção das próprias características biológicas da criança.

Nesse desenvolvimento, de forma ativa, a criança à medida em que interage, brinca, conversa, se movimenta, vai constituindo-se e incorporando estes repertórios, transformando sua realidade e também de quem a circunda.

Para Sousa (2007), pesquisar a subjetividade infantil significa instalar a criança num lugar de protagonismo, em defesa do seu status de sujeito. Um sujeito com particularidades e especificidades, mas, fundamentalmente, um sujeito ativo que constrói a sua subjetividade na relação com o mundo, representado pelos adultos, adolescentes e outras crianças com quem se relaciona direta ou indiretamente.

Subjetividade e linguagem complementam-se quando falamos sobre a infância, pois esses são os constituintes que darão lugar e inscrição no mundo a este

pequeno ser.

Segundo Leontiev (1978b), subjetividade refere-se ao processo pelo qual algo se torna constitutivo e pertencente no indivíduo; ocorrendo de tal forma que esse pertencimento se torna único, singular. Nas palavras do próprio autor:

A tese de que o reflexo psíquico da realidade é sua imagem subjetiva indica que a imagem pertence ao sujeito real da vida. Mas o conceito de subjetividade da imagem no sentido de seu pertencimento ao sujeito da vida implica a indicação de sua atividade (LEONTIEV, 1978b, p. 46).

Por isso, o conceito de subjetividade da imagem inclui o conceito de parcialidade do sujeito. (...) Aliás, é muito importante destacar que essa parcialidade está objetivamente determinada e que se expressa não na inadequação da imagem (ainda que também possa expressar-se nela), mas em que esta permite penetrar ativamente na realidade. Dito de outro modo, a subjetividade no nível do reflexo sensorial não deve ser compreendida como um subjetivismo, mas como sua "subjetualidade", isto é, seu pertencimento ao sujeito ativo (p. 46-47). A função de situar o homem na realidade objetiva e transformá-la é uma forma de subjetividade. (p. 74)

Entende-se que cada criança, segundo sua realidade, auto imagem, arranjo familiar, cultura, modos e costumes esta em formação de uma demanda, ou seja, não há um modelo pronto de infância. A criança incorpora muitas vivências e isso se traduz em seu cotidiano, ela representa e reproduz o todo que a cerca, sendo esses formadores de sua identidade. O ser criança e a infância são as representações do que é o devir.

Considerações Finais

Brincar é algo natural e divertido de adquirir conhecimento, até mesmo os adultos devem sujeitar-se a novas experiências, para aquisição de novas experiências. Através das brincadeiras a criança se insere no mundo do conhecimento, desenvolve o processo de aprendizagem, construindo sua autonomia, identidade, criatividade e reflexão em todos os aspectos sejam eles, culturais, sociais, cognitivos, emocionais e físicos. Por meio das brincadeiras a criança desenvolve habilidades de memória, atenção, imitação, imaginação e se expressa e cria sentidos ao mundo em que vive.

Compreendemos que brincando, a criança pode assumir diferentes papéis, estabelecendo contato com o mundo físico e social, age diante a realidade, representando às ações do seu cotidiano a maneira que ela as enxerga, substituindo pelos papéis que ela assume. A criança interage com o ambiente em que vive, desenvolve suas habilidades cognitivas, através das brincadeiras, facilitando o processo de socialização. Brincar é uma experiência singular, uma atividade lúdica e prazerosa que contribui para o processo de desenvolvimento do ensino aprendido da criança.

Referências

ALVES, Claudia Ximenez; SILVA, Marilda; OLIVEIRA, Paula Ramos. **Memória, Infância e Brincar em escritos de Walter Benjamin: Cultura Lúdica, Processo de Formação e Prática Docente**. Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da UNESP, Campus de Araraquara.

BENJAMIN, Walter. **A criança, o brinquedo e a educação**. Trad. Marcos Vinicius Mazzari. São Paulo, Summus, 1984.

_____. **Reflexões: a criança, o brinquedo e a educação**. 4ª ed. São Paulo: Summus, 1984.

_____. **Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. **Reflexões; a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: ed. 34, 2004.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

LEONTIEV, A. N. (1983). **Actividade, conciencia e personalidad**. Habana: Pueblo e Educación. (Trabalho original publicado em 1978).

SOUZA, Aparecida Maria Sales de. A Temática da Infância sob a visão de Walter Benjamin. **REVISTA MEMENTO** V. 2, n. 1, jan.-jun. 2011. Revista do Mestrado em Letras Linguagem, Discurso e Cultura – UNINCOR.

SOUZA, Sônia M. Gomes. Os estudos da infância e da criança a partir da teoria sócio-histórica. In: XIV Encontro Nacional da ABRAPSO. **Diálogos em psicologia social**. Rio de Janeiro, 2007.

VAZ, A. F. Educação, experiência, sentidos do corpo e da infância (um estudo experimental em escritos de Walter Benjamin), In: PAGNI, P. A.; GELAMO, R. P. (Org.). **Experiência, educação e contemporaneidade**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p.35-49.

LEONTIEV, A. N. (2004). "A imagem do mundo". In: GOLDBERGER, M. (org.) **Leontieva a psicologia histórico-cultural: um homem em seu tempo**. São Paulo, Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Atividade Pedagógica/Xamã

LEONTIEV, A. N. (2004). **O desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Centauro. (Trabalho original publicado em 1978).

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. *In*: Leontiev, A. N., Luria, A. R., Vigotsky, L. S. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. (p. 103-117). São Paulo: Ícone; Edusp. (Trabalho original publicado em 1933).

_____. & Luria, A. R. (1996). **Estudos sobre a história do comportamento: o macaco, o primitivo e a criança**. Porto Alegre: Artmed. (Trabalho original publicado em 1930).